

o Café nos Livros

ARAGUAYA F. MARTINS

Café nos Livros deste mês é dedicado ao fazendeiro Luis de Toledo Piza Sobrinho. A razão sobre ser agradável, é das mais suaves. Luis Piza Sobrinho, que muitos conhecem trabalhando na sala de diretoria da Rural, presidindo reuniões, discursando apaixonadamente ou expondo serenamente uma idéia, é também uma fonte bibliográfica para o estudo do café. Ainda agora, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, ao publicar "Getúlio Vargas, Meu Pai" (de resto muito mais uma biografia de Alzira do que um retrato do ex-presidente), faz uma referência a Piza Sobrinho ao relatar a saída do s. s. do Instituto do Café, a fim de acompanhar Armando de Salles Oliveira. Alzira Vargas fala em "máquina que carrega vagões vazios", atribuindo o "slogan" aos paulistas. Ignora que a frase é do notável Artur Neitz. Esse baiano, a quem o café muito deve, falou em máquina puxando vagões. Os vazios foi introduzido, sub-reptivelmente, por algum mau patriota, interessado em fazer fúria entre Estados.

Muito antes disso, em 1936, vemos Luis Piza Sobrinho, então secretário da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, prefaciando o notável livro de Anton Zischka — "A Guerra secreta pelo Algodão. Já naquela época escrevia: "Com o craque do café, de 1929, e com a longa crise que seu máximo produto atravessou de então para cá — e ainda vem atravessando — cumpria-lhe arranjá-lo um sucedâneo para o "deficit" de sua balança comercial. Cruzar os braços diante da situação, enquanto os nossos compromissos externos pesavam sobre nós e ameaçavam tornar-nos devedores insolúveis, não era de homens que em quatrocentos anos haviam feito uma nacionalidade, arrancando das selvas brutas, ásperas e selvagens, uma civilização.

Recorremos ao algodão. Primeiro, porque o algodão, que era o principal produto de toda uma zona nacional, o nordeste, já fora, em tempos idos, uma cultura paulista, em plena prosperidade, que a invasão cafeeira, mais remuneradora, substituiu. Segundo, porque, em todos os momentos de crise nacional, como aconteceu recentemente, em 1918, depois de célebre geada de 24 de junho desse ano, era para o algodão que os nossos lavradores costumavam apelar para ressarir-se dos danos originados pelo inclemente fenômeno meteorológico". A síntese é perfeita. Hoje muita gente deita sabedoria sobre essa matéria com ares sociológicos.

Mas vamos adiante. Ainda escreveremos, a propósito de um romance de Ramon Prieto — "La Ciudad Del Hierro Verde" — da Editorial Amer Calle, de Buenos Aires, editado em 1942, no qual se vislumbra a figura do deputado Piza Sobrinho, proprietários das Fazendas Bela Vista e Belmonte, político dominante na Noroeste. Muitas cidades, distritos de paz e comarcas dessa região foram criadas sob a sua inspiração. Por hoje, contudo, deixamos concentrar nossas referências bibliográficas no livro "Ordem e Progresso", de Gilberto Freyre, editado pela Livraria José Olympio, como introdução à História da sociedade Patriarcal no Brasil. Antes, porém, pretendemos fazer uma sinopse biográfica a Luis Piza Sobrinho, tendo em vista os meninos de hoje, que por certo não conhecem muitos dos episódios que iremos relatar. A vida de Luis Piza Sobrinho está profundamente marcada pelo café. A 3 de setembro de 1888 o lar de José de Toledo Piza e da sra. Maria José Guimarães de Toledo Piza, nesta Capital, "era enriquecido pelo nascimento de um pimpolho, que na pia batizava veio a se chamar Luis". Após uma infância alegre e despreocupada nesta capital, o menino Lulu, como era então conhecido dos familiares, concluiu os estudos de humanidades na tradicional Escola Normal da Praça e no Instituto de Ciências e Letras. O exercício do magistério primário iria lhe possibilitar a compreensão pedagógica de muitos de nossos problemas e apresentação didática das respectivas soluções. Espírito inquieto, contudo, militar na imprensa, trabalhando no "O Estado", entre 1905 e



Dr. Luis de Toledo Piza Sobrinho

1913, e no "Jornal do Comércio". Na mesa de jornal colheu novas experiências, notadamente o espírito de síntese e a redação elegante, simples, correta e precisa. Casou-se, em janeiro de 1913, com sua prima Rejama de Toledo Piza, filha do conhecido "bandeirante da Noroeste", Joaquim de Toledo Piza e Almeida, grande cafeicultor, que no fim do século passado abriu aquela zona cafeeira. Cumpre lembrar que a primeira fazenda dessa região — Fazenda da Faca — foi arrancada da mata virgem pelo Coronel Joaquim Piza. Para ir de sua fazenda no Jaú, onde nasceu a filha Rejama, até a Fazenda da Faca, levava-lhe cerca de oito dias, em lombo de burro, pelas invias picadas da mata.

Atendendo ao pedido do governo de Alagoas iria se encarregar da reforma da

Instrução Pública desse Estado. Além disso exerceu, por algum tempo, a advocacia. Na banca de advogado formou novos amigos e colheu novas experiências. O que seria o suficiente para muitos, para Lulu Piza era apenas o começo.

Sua vida pública, já o assinalamos, tem a marca do café. Iniciaria sua carreira política como vereador municipal do Município de Pirajó. Logo depois conquistou a presidência da Câmara e, a seguir, a Prefeitura. Em 1919, foi eleito deputado estadual pelo antigo 5.º Distrito, sendo reeleito até 1930.

Antes de proseguirmos, porém, vejamos o que se lê à pág. 76 da 1.ª edição de "Ordem e Progresso", de Gilberto Freyre: "Já Luis (de Toledo) Piza Sobrinho, paulista descendente de "Dom Simão de Toledo Piza, fidalgo espanhol que se instalou em 1634 no povoado fundado por Anchieta, então, como toda a Colômbia, sob o domínio da Coroa de Espanha", informa que, tendo nascido em 1888, na Capital da antiga Província — cidade então de pouco mais de 100.000 almas" — cresceu sob a influência de um "republicano vermelho"; o senhor seu Pai. Tinha o velho Toledo particular admiração por Prudente de Moraes; e ainda pequeno, já Luis gostava de ouvir os grandes conversar política.

As alusões pessoais do Segundo Imperador, ouvidas por mim, eram em geral lisonjeiras", informa no seu depoimento. Mas também se dizia que "Pai não prospecta pela sua falta de visão e pela incompetência e espírito retrógrado dos que o rodeavam". Além do que, "comparava-se amuade a situação do Brasil com as repúblicas dos Estados Unidos e Suíça." O confronto — é claro — resultava desfavorável ao passado monárquico do País. De modo que os paulistas de fétido mas dinâmico preocupavam-se principalmente com o futuro nacional e de S. Paulo, considerando inferior não só aquele passado como toda a origem portuguesa do Brasil, opinião que constituía a base de grande parte do progressismo "científico", isto é, Positivista, pregado por Pereira Barreto."

Após a revolução de 30, Luis Piza Sobrinho iria ser fundador e presidente da Ação Nacional do Partido Republicano, ala moço do PRP, que, posteriormente, com a Federação dos Voluntários e o Partido Democrático, formaram o Partido Constitucionalista, que iria eleger o eminente paulista Armando de Salles Oliveira, primeiro governador constitucional do Estado, na segunda República. Cumpre assinalar que Luis Piza Sobrinho tomou parte ativa na Revolução Constitucionalista de 1932, sendo-lhe confiada a Superintendência Geral do famoso Serviço de Intendência de Guerra, M.M.D.C. Nessa instituição, Piza Sobrinho confirmaria seus dotes de organizador e administrador. Não é necessário ressaltar aqui a contribuição do café para a guerra paulista. As armas dotoriais, contudo, venceram. Luis Piza Sobrinho foi exilado para a Europa, ali permanecendo durante um ano. Ainda uma vez o café lhe possibilitaria os recursos necessários para a permanência no exílio.

De volta à Pátria seria eleito deputado federal pelo Partido Constitucionalista, em 1935. Renunciou à deputação para colaborar com Armando de Salles Oliveira, na qualidade de secretário da Agricultura, Indústria e Comércio. Sua atuação pela secretaria da Agricultura foi verdadeiramente revolucionária. Reestruturou o Instituto Agrônomico de Campinas, criando a seção de estudos de solos e o Serviço Científico do Algodão. A passagem de Luis Piza Sobrinho na secretaria da Agricultura configura o início do combate à rotina com a adoção de modernos processos agrônomicos de cultivo. Criou, também, a Seção de Sericultura, no Departamento de Indústria Animal. Além disso, deu tudo o